

---

## ESTUDOS EM AVALIATIVIDADE NO BRASIL: PANORAMA 2005-2017

---

FABÍOLA APARECIDA SARTIN DUTRA PARREIRA ALMEIDA \*  
ORLANDO VIAN JR.\*\*

---

### RESUMO

Este artigo apresenta um panorama de estudos no Brasil sobre o sistema de avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005). Foram levantados trabalhos em dissertações e teses e em artigos publicados em revistas Qualis A1, A2, B1 e B2. Após considerações teóricas sobre o sistema e seus subsistemas, apresentamos o quantitativo dos itens levantados com o intuito de contribuir para uma visão geral dos estudos acerca do sistema de avaliatividade em nosso contexto, além de socializar pesquisas sobre o tema com estudiosos da Linguística Sistêmico-Funcional. Os resultados revelam a produtividade em estudos sobre o tema no campo dos estudos linguísticos no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Avaliatividade, Linguística Sistêmico-Funcional, sistemas discursivos.

---

*Ser ruim, sempre, às vezes é custoso,  
carece de perversos exercícios de experiência.*  
(ROSA, 2001, p. 235)

### 1. A AVALIAÇÃO NA/PELA LINGUAGEM

A partir do excerto em epígrafe de Guimarães Rosa, poderíamos dizer que avaliar assemelha-se a ser ruim: é custoso, carece de perversos exercícios de experiência. Como seres humanos, no entanto, não vivemos sem avaliar. O mundo à nossa volta é ininterruptamente avaliado. Por

---

\* Mestre em Letras – Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: fabiolasartin@gmail.com.

\*\* Mestre e Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: orlandovianjr@gmail.com.

mais custoso que possa ser, é por meio das avaliações que nossas atitudes são negociadas em nossos textos, sejam eles escritos ou orais.

Uma das formas de compreendermos como avaliamos é observarmos a construção de sentidos nos textos por meio de elementos avaliativos.

O Sistema de Avaliatividade (SA), no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), tem por função precisamente este propósito: sistematizar os mecanismos de avaliação na linguagem, ou seja, “os tipos de atitudes que são negociadas em um texto, a força dos sentimentos envolvidos e os modos pelos quais valores são obtidos e os leitores alinhados”<sup>1</sup> (MARTIN; ROSE, [2003] 2007, p. 25).

O sistema foi sendo elaborado e passou por vários desenvolvimentos estruturais e adaptações terminológicas, como se pode verificar ao compararmos trabalhos anteriores de Eggins e Slade (1997), de Martin (2000, 2002, 2003b) e de White (2004a, 2004b), até chegar ao que se concebe como o sistema apresentado em Martin e White (2005), composto por três sistemas mais amplos (atitude, engajamento e gradação) e, inseridos nesses, outros subsistemas, conforme será exposto no item 2. Em texto sobre questões de nomenclatura no SA, Vian Jr (2009) discute a evolução do sistema e como alguns termos foram sendo alterados, ao passo que a teoria foi sendo desenvolvida.

Outro aspecto relevante é o uso do termo “valoração”, nos primeiros estudos em português (cf. Cabral [2007] e White [2004a]), e a apropriação do uso do termo “avaliatividade”, discutido e justificado em Vian Jr (2009). Também é digno de nota a discussão desses termos por Souza (2011) e a réplica de Vian Jr. (2012).

Com base nesse cenário produtivo de estudos a partir do cabedal teórico proposto por Martin e Rose ([2003] 2007) e Martin e White (2005), nosso objetivo neste texto é debater os trabalhos produzidos em língua portuguesa que utilizam o SA como mecanismo linguístico para analisar as avaliações presentes nos textos, e como produtores textuais e leitores se alinham para negociar atitudes. Desse modo, além desta introdução, que sucintamente discute o papel da avaliação na vida e como esta é realizada por meio de itens linguísticos, no próximo item, apresentamos o SA e sua relação com os demais sistemas discursivos e como está inserido no escopo mais amplo da LSF. Em seguida, será apresentado um panorama dos trabalhos produzidos no Brasil a partir

da publicação, em 2005, do livro *The language of evaluation: appraisal in English* de Martin e White.

Uma vez que esse livro trata, especificamente, da avaliação na linguagem e seus sistemas subjacentes, sendo, portanto, para os estudiosos da LSF, um marco teórico nos estudos sobre o assunto, nossa intenção é, com base no panorama traçado, discutir, por meio da amostragem do número de dissertações e teses, livros e artigos em periódicos os resultados acadêmico-científicos, os frutos oriundos do trabalho de pesquisadores que se dedicaram a adaptar um sistema pensado para a língua inglesa e sua circulação em português brasileiro, além do fato de a avaliação na linguagem ser um aspecto presente em todas as outras línguas, já que avaliar é uma característica humana.

O desafio desses pesquisadores foi trazer para o contexto brasileiro, nas pesquisas em língua portuguesa, as contribuições do SA no tocante à resolução de aspectos avaliativos da linguagem nos seus mais diversos contextos de produção.

Após a apresentação dos dados, apresentamos um olhar crítico sobre a produção levantada e nossas considerações finais.

## 2. OS SISTEMAS DISCURSIVOS E O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

Em seu texto sobre os estudos do discurso no âmbito da LSF, Martin (2009a) assevera que, historicamente, esse interesse deriva da preocupação de Firth com o sentido e sua função no contexto e o estudo canônico de Mitchell sobre encontros de serviço em um mercado líbio.

Segundo Martin (2009b), a importância em estratificar a linguagem em relação ao contexto social deve estar presente em toda e qualquer análise linguística. O nível da semântica discursiva se ocupa do significado além da oração. Para tanto, o autor apresenta seis sistemas discursivos que abrangem a textura do texto:

**Avaliatividade:** trata dos recursos utilizados para realizar as avaliações na linguagem, isto é, dos significados interpessoais utilizados para expressar as avaliações e opiniões dos falantes/escritores presentes nos textos;

**Negociação:** refere-se à interação como troca entre os falantes, isto é, como os interactantes assumem e atribuem papéis. A negociação tem o papel de construir as relações sociais de poder e de solidariedade

no contexto social, bem como os modos como os turnos são organizados em trocas de bens e serviços e de informações;

**Ideação:** refere-se ao conteúdo do discurso, ou seja, quais tipos de atividades são realizadas e como os participantes realizam essas atividades; trata-se dos tipos de significados ideacionais que são realizados no texto;

**Conjunção:** ocupa-se das interconexões entre as atividades reformulando-as, sequenciando-as, adicionando-as, etc. Este sistema pode revelar o modo como os eventos e as relações afetivas estão ligados uns aos outros em termos de tempo, causa, contraste e similaridade.

**Identificação:** abrange questões de como as pessoas, lugares e coisas são introduzidas no texto. São os recursos textuais que fazem o discurso ter sentido para o leitor a partir do monitoramento das identidades apresentadas no texto;

**Periodicidade:** consiste no ritmo do discurso, as camadas de previsões que sinalizam ao leitor o que pode acontecer, as camadas que consolidam o significado.

Como se pode depreender, os seis sistemas discursivos, no estrato semântico-discursivo, estão relacionados às metafunções e às realizações no estrato léxico-gramatical, na seguinte relação: avaliatividade e negociação relacionados à metafunção interpessoal; ideação e conjunção constroem sentidos ideacionais e identificação e periodicidade estão relacionados à metafunção textual.

Trazendo o foco para o SA, faz-se necessário explicitar de que forma esse sistema é organizado no nível do discurso.

O SA abrange as avaliações realizadas no discurso. Como as opiniões e valores acerca das pessoas, coisas são desenvolvidas nos textos. Dito de outra forma, trata-se de um recurso semântico-discursivo que serve para realizar os significados interpessoais referentes às avaliações, posicionamentos, opiniões referentes ao comportamento das pessoas, às coisas e objetos e aos sentimentos envolvidos nessas avaliações.

A avaliatividade, como ressalta Martin (2000), é um sistema de significados interpessoais; um recurso semântico usado para negociar emoções, julgamentos e avaliações. Painter (2003) indica que esse sistema acontece no discurso da criança por volta de um ano e meio de idade pelo uso das suas primeiras palavras, o que Halliday (1993) chama de protolíngua.

O SA é ainda definido por White (2004a) como uma abordagem específica que explora, descreve e explica a forma pela qual a língua é utilizada nos processos de avaliação, como por exemplo, adotar uma postura, construir “personas textuais” – termo utilizado por Martin (2000) para referir-se à identidade autoral que o falante constrói para si mesmo no texto – e lidar com posicionamentos interpessoais e com os relacionamentos. Por meio desse sistema, estuda-se a forma como os falantes e escritores fazem julgamentos sobre as pessoas e acontecimentos em geral.

As avaliações e opiniões podem ser realizadas de forma implícita ou explícita. Quando as avaliações são realizadas diretamente no texto, são consideradas explícitas. Quando as avaliações são indiretas, implicadas ou sugerem uma interpretação do ouvinte/leitor, elas são implícitas (MARTIN, 2000).

A fim de mapear todo o processo avaliativo, o SA na versão que conhecemos hoje é proposto por Martin e White (2005) estruturado em três subsistemas, a saber: atitude, engajamento e gradação (cf. Figura 1). O subsistema de atitude acontece quando é codificado um valor positivo ou negativo que pode ser intensificado para mais ou para menos (MARTIN, 2000, MARTIN; ROSE, [2003] 2007) e que pode ser realizado em várias estruturas gramaticais, tais como: (1) no atributo na oração relacional; (2) no epíteto no grupo nominal; (3) na qualidade nominalizada no grupo nominal; (4) no processo com significado atitudinal (HOOD, 2004).

Atitudes, julgamentos e respostas emotivas são explicitadas nos textos orais ou escritos (MARTIN, 2004), sendo indiretamente subentendidas, pressupostas ou assumidas pelos participantes do discurso. Em muitos casos, esses posicionamentos são cuidadosamente administrados levando em conta a possibilidade, sempre presente, de desafio ou contradição por parte daqueles que possuem visões diferentes.

O subsistema de atitude ocupa um lugar central no processo avaliativo, uma vez que seus subtipos revelam os níveis em que a avaliatividade é desenvolvida e expressa no discurso. Segundo Martin (2003a), os sentidos atitudinais ou atitudes estão divididos em três tipos: afeto, julgamento e apreciação. Todos eles envolvem sentimento, mas o julgamento e a apreciação são disposições das emoções que foram

institucionalizadas para que pudéssemos entrar nas comunidades uns dos outros.

O julgamento recontextualiza sentimentos no terreno de propostas sobre “como comportar-se”, a ética e a moralidade codificadas pela igreja e pelo Estado. Já a apreciação recontextualiza sentimentos no terreno de proposições, ou seja, sobre o valor das coisas, senso de beleza e valor que pode, por sua vez, ser codificado como medalhas, troféus, prêmios etc.

O segundo subsistema da avaliatividade é o engajamento, que por sua vez trata da fonte das avaliações e o papel das vozes sobre as opiniões no discurso. A noção de dialogismo de Bakhtin é essencial para que se compreenda o subsistema de engajamento, pois é por meio dele que os produtores textuais assumem posicionamentos em relação a seus interlocutores e em relação aos textos que produzem. O engajamento está associado às origens de nossas atitudes, onde estão centradas o que estamos avaliando, bem como com a articulação das vozes para expressão de opiniões no discurso (VIAN JR.; SOUZA; ALMEIDA; 2010).

Martin e White (2005) referem-se ao subsistema de engajamento como “posicionamento dialógico”, e este pode ser expandido ou contraído, compreendendo, assim, dois valores possíveis: (1) expansão do potencial dialógico dos enunciados, isto é, afirma-se o princípio constitutivo do que se enuncia; (2) contração do potencial dialógico do enunciado, ou seja, desencoraja-se a negociação de sentidos.

A perspectiva dialógica do engajamento nos leva a compreender a natureza dos relacionamentos em que os falantes/escritores estão envolvidos nos enunciados. Ao mesmo tempo, nos leva a antecipar aspectos do texto, os sinais que os participantes do discurso fornecem para que compreendamos como eles esperam as possíveis respostas de seus interlocutores (MARTIN; WHITE, 2005).

A gradação, terceiro e último subsistema de avaliatividade, refere-se aos recursos léxico-gramaticais utilizados pelos produtores textuais para expressar e ajustar o que Martin (1997), Martin e Rose (2003) e Martin e White (2005) descrevem como o grau, ou “volume”, da intensidade das avaliações disponíveis no subsistema de atitude (afeto, julgamento e apreciação), além do “volume” da intensidade dos recursos de posicionamento intersubjetivo disponíveis no subsistema de engajamento (SOUZA, 2010).

A importância da gradação está no fato de que a atitude e o engajamento podem ser modificados de acordo com a natureza e a intensificação dos significados possíveis pelos mecanismos de gradação (MARTIN; WHITE, 2005), que opera sob dois graus de escala, ou subsistemas: (1) força, oferecendo recursos para graduar qualidades e processos; (2) foco, oferecendo os recursos semânticos para graduar categorias semânticas prototípicas que, em princípio, são passíveis de serem graduadas pelas quais as categorias avaliativas estão desenhadas.

Apresentamos na Figura 1 o modo como está organizado o sistema de maneira geral, com seus três sistemas e os subsistemas de atitude para possibilitar a construção de sentidos avaliativos nos textos. Ressaltamos, ainda, que todos eles possuem níveis de pormenorização, que não serão abordados neste texto. Remetemos o leitor aos trabalhos sobre esses aspectos em língua portuguesa citados neste trabalho.

**FIGURA 1** - SISTEMA DE AVALIATIVIDADE



**Fonte:** Adaptado e traduzido de Martin e White (2005, p. 38).

Tomando esse modelo de sistema como ponto de partida, na próxima seção apresentamos os estudos desenvolvidos com base no SA e seus subsistemas em língua portuguesa.

### 3. OS ESTUDOS EM AVALIATIVIDADE NO BRASIL

Dado o constante intercâmbio entre pesquisadores brasileiros e australianos, após a publicação da obra *The language of evaluation*, em 2005, em língua inglesa, diversos estudos passaram a utilizar o sistema para análises de *corpora* oriundos de distintos contextos e pertencentes a uma variedade de gêneros.

Uma vez que os estudos dessa natureza são produzidos em contextos acadêmicos, partimos do debate de dissertações e teses que utilizam o SA e, extrapolando os muros acadêmicos, atingem contextos mais amplos por meio de livros e artigos e são disseminados em eventos e congressos da área. E, por vivermos em um contexto hipermoderno marcadamente tecnologicado, apontamos alguns modos eletrônicos por meio dos quais o sistema tem sido abordado, conforme exposto nos itens subsequentes.

Para este estudo, faremos uma retrospectiva de pesquisas realizadas cujo tema concentra-se no SA e seus desdobramentos. Para tanto, a fonte para a geração de dados foi o banco de dissertações e teses da Capes, com o item lexical “avaliatividade” como palavra de busca.

Com relação aos artigos científicos, selecionamos as revistas relacionadas a programas de pós-graduação que produzem pesquisas no âmbito da LSF e, conseqüentemente, o SA. Também recorreremos ao site da Plataforma Sucupira para identificarmos as revistas e seus respectivos indicadores Qualis. Finalmente, recorreremos aos sites das próprias revistas para realizar a busca dos artigos, conforme apresentado nas seções subsequentes.

### 3.1 DISSERTAÇÕES E TESES

Muitos dos primeiros estudos sobre avaliatividade no Brasil foram resultados de encontros com o professor James R. Martin em ocasiões de suas vindas ao país para ministrar cursos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e também na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em um trabalho de parceria entre essas universidades que oportunizavam a interlocução entre os pesquisadores dos programas, alunos de mestrado e de doutorado com os estudos que o professor estava realizando sobre o SA, além de ter participado de eventos em outras universidades brasileiras.

Outro momento em que essas trocas foram intensificadas foi em 2006, no 33º Congresso Internacional de Linguística Sistêmico-Funcional (*International Systemic Functional Congress – ISFC*), evento da Associação Internacional de Linguística Sistêmico-Funcional (*International Systemic Functional Linguistics Association – ISFLA*),

organizado pela PUC-SP e nela sediado. Dentre os minicursos do evento destacou-se o *Appraisal: the language of evaluation*, ministrado pelo próprio James Martin.

Nos anos de 2007 e 2008 surgiram os primeiros trabalhos utilizando o SA como ferramenta analítica. No âmbito do mestrado, o estudo desenvolvido por Zanata (2007) é um dos primeiros trabalhos a trazer o SA já em seu subtítulo: “um estudo com base no sistema de avaliatividade”. Em nível de doutorado, Cabral (2007) analisou as manifestações linguísticas de julgamento no discurso jornalístico e Almeida (2008) investigou os elementos léxico-gramaticais de atitude no discurso de dois professores universitários. Essas duas teses marcam, de certa forma, o início dos trabalhos sobre avaliatividade no Brasil no âmbito do doutorado.

Ao explorarmos os programas de pós-graduação pelo Brasil, destacamos trabalhos orientados por pesquisadores que já começavam a se engajar com os estudos sobre avaliatividade em contextos de produção tanto presenciais quanto digitais, conforme mostra o Quadro 1.

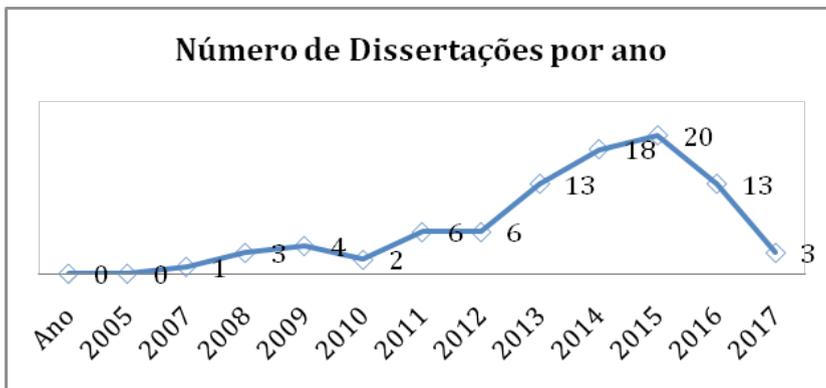
**QUADRO 1** - QUANTITATIVO DE DISSERTAÇÕES E TESES

Ano	Mestrado Acadêmico	Mestrado Profissional	Doutorado	Total
2005			1	1
2007	1			1
2008	3		4	7
2009	4		2	6
2010	2		3	5
2011	6		3	9
2012	6		4	10
2013	14		4	18
2014	18		7	25
2015	20	1	10	31
2016	13	2	10	25
2017	3		2	5
<b>Total</b>	<b>90</b>	<b>3</b>	<b>50</b>	<b>143</b>

**Fonte:** Disponível em: <[http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/>. Acesso em: 10 fev. 2017.](http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/)

A partir do Quadro 1 é possível observar que os estudos que contemplam o SA são publicados a partir de 2005. Com base nos Gráficos 1 e 2, o fluxo das pesquisas nos permite algumas considerações.

**GRÁFICO 1** - FLUXO DE DISSERTAÇÕES SOBRE AVALIATIVIDADE



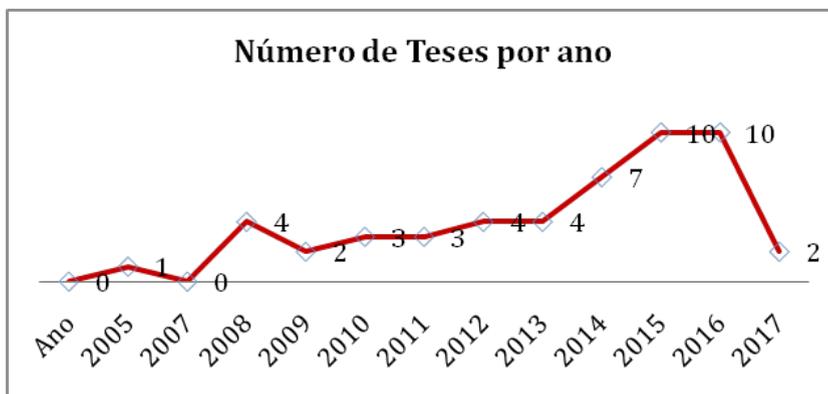
Fonte: Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

No Gráfico 1, é possível observar que depois da publicação de *The language of evaluation*, em 2005, os estudos se intensificaram, passando de uma dissertação no ano de 2005 para quatro em 2009, alterando para seis em 2011 e 2012, tendo um acréscimo de mais que o dobro em 2016. Isso mostra a difusão dos trabalhos por meio de artigos e participação em eventos na área da linguística e linguística aplicada.

Importante sinalizar, também, que embora na obra de Martin e White de 2005 o sistema seja exposto com acréscimos e alterações, ele já havia sido apresentado na obra de Martin e Rose [2003] (2007); e um modelo anterior também havia sido proposto por Eggins e Slade em 1997, como sinalizamos na seção 1.

Em relação ao número de teses, houve um acréscimo gradativo nos anos de 2005 a 2014, tendo uma elevação substancial nos anos de 2015 e 2016, como ilustra o Gráfico 2.

**GRÁFICO 2 - FLUXO DE TESES SOBRE AVALIATIVIDADE**



**Fonte:** Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Em ambos os gráficos percebe-se a proliferação dos estudos em avaliatividade, estudos com aplicação do sistema nos mais variados contextos presenciais e digitais, revelando, assim, um percurso distinto das pesquisas em LSF no Brasil que, até então, vinham abordando textos pela perspectiva da léxico-gramática; a partir daí, há um crescente foco no estrato semântico-discursivo, especificamente em função de haver um livro sobre o SA detalhando como as avaliações ocorrem na linguagem e por meio de quais mecanismos.

Na seção a seguir, é apresentado o quantitativo de livros e artigos em que o SA tem sido utilizado.

### 3.2 LIVROS E ARTIGOS

As duas primeiras publicações de livros com o foco no sistema de avaliatividade foram a obra organizada por Vian Jr, Souza e Almeida (2010) *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*, que reuniu pesquisas com a aplicação do sistema de avaliatividade em diversos contextos, e o trabalho de Almeida (2010), intitulado *Avaliação na linguagem: os elementos de atitude no discurso do professor – um exercício em análise do discurso sistêmico-funcional* resultado de tese de doutorado defendida em 2008.

Foram publicados, também, muitos capítulos de livros que apresentaram aplicações do sistema. Para este estudo, no entanto, nosso foco recai apenas nas dissertações, teses e artigos científicos. Com relação aos artigos, iniciamos com aqueles publicados nas revistas Qualis A:

**QUADRO 2 - ARTIGOS EM REVISTAS QUALIS A1 E A2**

<b>Ano</b>	<b>Qualis A1 e A2</b>	<b>Revista</b>	<b>Quantidade de artigos</b>
2008	A1	RBLA	01
2009	A1	DELTA	01
2010	A1	DELTA	01
	A2	Calidoscópico, Cadernos de Linguagem e Sociedade	01 01
2011	A1	RBLA	01
	A2	Calidoscópico	02
2012	A1	DELTA	01
		Alfa	01
		Linguagem e ensino	01
2013	A1	RBLA	01
		Linguagem e ensino	01
Trabalhos em Linguística Aplicada		01	
	A2	Cadernos de Linguagem e Sociedade	02
2014	A1	RBLA	01
2015	A1	Linguagem em (Dis)Curso	01
	A2	Calidoscópico Cadernos de Linguagem e Sociedade	01 01
<b>Total</b>	<b>A1</b>		<b>12</b>
<b>Total</b>	<b>A2</b>		<b>08</b>
<b>Total Geral</b>			<b>20</b>

Fonte: Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculo-PublicacaoQualis/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Com relação às revistas Qualis A, é possível observar que os primeiros textos foram publicados em 2008, sendo os últimos em 2015. Houve, como se verifica pelo Quadro 2, uma frequência de artigos em cada ano após 2009, o que mostra a continuidade dos estudos produzidos

nesse tema, além de revelar o estado do uso da teoria e os debates em língua portuguesa sobre a temática e a apropriação da teoria em nossa língua. Também ressaltamos o fato de que o trabalho de Vian Jr, Souza e Almeida (2010) traz um glossário com os termos do SA em língua portuguesa. Muitos desses termos não são unanimidade na área, o que gera o constante debate, muito produtivo para a área. As revistas A2 mantiveram o número de dois artigos por ano começando em 2010, continuando em 2011, depois 2013 e 2015. Não registramos publicações nos anos de 2012 e 2014.

Já as publicações em revistas Qualis B, apresentadas no Quadro 3, datam de 2010 e vão até 2017, mantendo o mesmo fluxo das revistas Qualis A. Dito de outra forma, houve a publicação de artigos em todos os anos desde 2010 até 2017, sendo que 2015 foi o ano que mais concentrou publicações nessas revistas, o que mostra o interesse pelas aplicações do SA em variados contextos de produção, tais como ensino de línguas, formação de professores, discurso acadêmico, discurso jornalístico, discurso midiático, dentre outros.

**QUADRO 3 - ARTIGOS EM REVISTAS QUALIS B1 E B2**

<b>Ano</b>	<b>Qualis B1 e B2</b>	<b>Revista</b>	<b>Quantidade de Artigos</b>
2010	B1	Línguas e Letras	01
		Signos	01
2011	B1	Fórum Linguístico	01
		Prolíngua	01
		Revista Ecos	01
2012	B1	Entre Palavras	01
2013	B1	Estudos em Língua e Literatura	01
		(Con)Textos Linguísticos	01
	B2	The Specialist	01
2014	B1	Domínios de Linguagem	01
2015	B1	Línguas e Letras	01
		Cadernos de Letras	01
	B2	Letras	05
		Linguagem: Estudos e Pesquisas	02

2016	B1	Caminhos em Linguística Aplicada	01
2017	B1	Caminhos em Linguística Aplicada	01
<b>Total</b>	<b>B1</b>		<b>13</b>
	<b>B2</b>		<b>08</b>
<b>Total Geral</b>			<b>21</b>

Fonte: Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Resumindo as publicações em Revistas Qualis A1 e A2, B1 e B2, temos o quantitativo apresentado no Quadro 4.

#### QUADRO 4 - QUANTIDADE DE ARTIGOS PUBLICADOS EM REVISTAS CIENTÍFICAS

Qualis	Artigos
A1	12
A2	8
B1	13
B2	8
<b>Total</b>	<b>41</b>

Fonte: Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Além das publicações, é relevante considerar outros recursos humanos e tecnológicos destinados a disseminar o SA por meio de trabalhos apresentados em eventos, e também pelo uso de recursos tecnológicos, como destacado na seção seguinte.

### 3.3 RECURSOS HUMANOS E TECNOLÓGICOS NA DISSEMINAÇÃO DO SA

Os estudos que utilizam o SA são socializados e debatidos em congressos e eventos importantes na área da linguística e linguística aplicada em âmbito nacional, tais como: o Congresso Internacional da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística), o Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA), promovido pela Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), Simpósio Internacional de Gêneros Textuais (SIGET), Congresso Latino-Americano de Formação

de Professores de Línguas (CLAFPL), Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa (SIELP), dentre outros, seja na modalidade de comunicação oral, mesas redondas, simpósios e pôsteres.

Há, também, o evento da Associação de Linguística Sistêmico-Funcional da América Latina (ALSFAL) que contempla, especificamente, estudos sistêmico-funcionais apresentando aplicações e discussões sobre o SA, além do congresso internacional anual promovido pela *International Systemic Functional Linguistics Association* (ISFLA) e, em suas últimas edições, tem havido a indicação do SA como uma das áreas temáticas nos eventos.

Na Austrália, pesquisadores associados a Peter White, coautor de Martin da obra de 2005, realizam o *Appraisal Symposium*, evento que promove a discussão sobre o sistema e seu uso em diferentes contextos e práticas sociais, além de questões teóricas.

Em termos de recursos tecnológicos, existe o *site* <<http://www.grammatics.com/appraisal/>> com estudos em avaliatividade que é administrado por Peter White. Nesse *site*, estão disponíveis informações tanto teóricas quanto metodológicas sobre o SA e seus subsistemas, além de dissertações e teses defendidas em diversas partes do mundo com esse foco. Há também uma lista de discussões em que pesquisadores debatem questões pontuais sobre avaliatividade, esclarecem dúvidas e compartilham questões sobre a análise de textos, dentre outros aspectos relacionados ao SA.

Existem, no âmbito da tecnologia, programas computacionais que analisam expressões de avaliatividade em *corpora* maiores. Podemos destacar o programa UAM Corpus Tool (<<http://www.corpustool.com/>>) desenvolvido por O'Donnell (2016).

OAppAnn, forma abreviada de *Appraisal Annotator* (ALMUTAIRI, 2015), por seu turno, é um sistema de *software* “originalmente projetado para a visualização de avaliatividade, especificamente dos subsistemas de atitude” (ALMUTAIRI, 2015, p. 187).

Há, ainda, opções como o WordSmith Tools (SCOTT, 2010) e o AntConc (<<http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>) que, embora não sejam voltados especificamente para o SA, permitem investigar processos, atributos e epítetos que podem conter elementos

avaliativos por meio das ferramentas Lista de Frequência e Concordância, dentre outras.

Em termos de páginas na *web*, cabe destacar os estudos de Monika Bednarek (<<https://www.monikabednarek.com/publications/>>) desenvolvidos com base no SA valendo-se das ferramentas da linguística de *corpus*.

Pode-se depreender dessas indicações a produtividade do SA em contextos presenciais e digitais e alguns recursos disponíveis para o trabalho do pesquisador que envereda pela exploração dos recursos de avaliação na linguagem.

#### 4. UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A PRODUÇÃO BRASILEIRA

A produção elencada na seção 3, embora não de modo exaustivo, apenas a título de ilustração da grande abrangência dos estudos com base no SA, leva-nos a algumas reflexões sobre o impacto de tais estudos no contexto brasileiro que devem ser consideradas pelos pesquisadores em LSF em nosso país.

Primeiramente é necessário considerar o SA no modelo sistêmico-funcional de linguagem. Como já foi sinalizado anteriormente neste texto, e como indicado por Martin (2000), trata-se de um sistema de significados interpessoais, ou seja, um recurso cuja utilização permite negociar emoções, julgamentos e avaliações em nossos textos.

Tornou-se comum no Brasil o uso do termo “Teoria da Avaliatividade”. Convém ressaltar, como sinalizam Martin (2017), Vian Jr. e Vasconcelos (2017) e Hood (no prelo), que não se trata de uma teoria, mas sim de um sistema discursivo. A teoria é a Sistêmico-Funcional, o SA é um arcabouço analítico para estudo de como se organizam e se estruturam as avaliações nos textos por meio dos recursos interpessoais. Hood (no prelo) ressalta que se a avaliatividade é amputada de onde se realiza no arcabouço teórico da LSF, as interpretações e outras considerações possíveis serão necessariamente comprometidas.

Em segundo lugar, outro aspecto relevante a ser considerado é a noção de estratificação. Trata-se de um sistema discursivo e, portanto, foca nos sentidos avaliativos construídos nos textos para expressão de julgamentos, sentimentos e emoções, portanto, no estrato semântico-

discursivo. Sem dúvida há acoplamentos (*couplings*), isto é, “como os significados combinam – através de estratos, metafunções, ordens e sistemas simultâneos” (MARTIN, 2010, p. 19). Pode haver, por exemplo, acoplamento de sentidos avaliativos com sentidos ideacionais e as realizações léxico-gramaticais e/ou questões do estrato grafo-fonológico podem ser analisadas, mas os sentidos que compõem o todo e revelam os aspectos avaliativos da linguagem e seu potencial para a avaliação constroem-se no estrato semântico-discursivo.

A consideração dos demais sistemas discursivos também é extremamente relevante. São seis sistemas discursivos, como indicado na seção 1 deste texto, e, como as metafunções, todos ocorrem simultaneamente. O fato de um trabalho de pesquisa focar na análise de sentidos no âmbito da metafunção ideacional, por exemplo, não significa que os significados interpessoais e textuais deixaram de existir; foram apenas preteridos por questões metodológicas e pela relevância das ocorrências no *corpus* em detrimento dos outros, mas os sentidos ocorrem do mesmo modo.

O mesmo se pode dizer do SA: pelo fato de haver um livro que trata apenas de um dos sistemas, como é o caso da obra de Martin e White (2005), não significa que os demais deixaram de existir. Todos os sistemas podem ser focados e observados de acordo com as perguntas de pesquisa ou a partir da relevância das ocorrências nos *corpora* sob estudo. Como foi indicado na seção 2, os seis sistemas discursivos estão relacionados aos sentidos das metafunções e ocorrem, pois, simultaneamente.

Os estudos sobre avaliação não podem perder de vista a arquitetura da gramática sistêmico-funcional construída por Halliday e levada em consideração por seus seguidores e, o mais importante, é o fato de se tratar de uma teoria de linguagem estratificada e metafuncional. A língua, de acordo com o que propõe Halliday, está organizada em estratos para a construção dos sentidos e os sentidos avaliativos são apenas um dos “exercícios de experiência”, como dito por Guimarães Rosa na epígrafe, possíveis pela linguagem.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso principal objetivo neste texto foi abordar os estudos em avaliatividade no Brasil uma década após a publicação da obra de Martin

e White que aborda o sistema, seus recursos e oferece perspectivas de análise.

Indicamos o trabalho de Wei, Wherrity e Zhang (2015), similar a este, com foco nos trabalhos sobre o SA na China e seu uso por acadêmicos chineses. No texto há um item sobre estudos em avaliabilidade no exterior, mas nenhuma referência é feita a trabalhos no Brasil. O mesmo ocorre com o texto de Hood (no prelo). Mais recentemente, no *The Routledge handbook of Systemic Functional Linguistics* (BARTLETT; O'GRADY, 2017), há um capítulo sobre o SA produzido por Oteíza (2017), em que a autora discute as aplicações do sistema em outras línguas que não o inglês e os trabalhos de Vian Jr (2008, 2009) são resenhados.

Em nosso levantamento, partimos de uma perspectiva teórica, apresentando o sistema e seus mecanismos, e passamos para uma perspectiva metodológica, destacando como as buscas foram feitas e seus resultados, bem como os estudos que utilizaram o sistema, para que pudéssemos apresentar as perspectivas analíticas, ou seja, como as análises utilizando o sistema para estudo de diversos textos em diferentes gêneros tem abordado o sistema.

O que a utilização do sistema no escopo mais específico da LSF e no escopo mais amplo dos estudos linguísticos nos revela é que houve um número representativo de pesquisas em todas as partes do Brasil, indicando as contribuições desse sistema em contextos diversos. As dissertações de mestrado e as teses de doutorado confirmam a proliferação dos estudos acerca do SA e, também, a possibilidade de novos estudos devido à representatividade de pesquisadores em programas de pós-graduação que se interessam por esse sistema.

A quantidade de artigos em revistas bem avaliadas confirmou a essência de pesquisas realizadas em nível de mestrado e de doutorado refletindo a necessidade de socialização dessas pesquisas em âmbito nacional. Desse modo, abre-se espaço para novas investigações em outros contextos apontando para novas possibilidades de análise.

Importante ressaltar que o SA não é o único para o estudo das avaliações na linguagem. Os trabalhos de Hunston e Thompson (2000) e de Thompson e Alba-Juez (2014) apresentam estudos sob diferentes perspectivas para a análise das avaliações. O SA é apenas uma delas

e que tem respondido de modo eficiente às questões de pesquisa de estudiosos no campo da LSF.

Há que ser sinalizado, por último, que a avaliação é um recurso comum nos textos e, por essa razão, seu estudo é relevante para compreendermos como se realizam linguisticamente, o que fornece subsídios para a compreensão das diversas práticas socioculturais e discursivas em que estamos engajados em nosso cotidiano, além de possibilitar a utilização de tais mecanismos para o ensino da linguagem escrita, por exemplo, dentre outros usos de acordo com necessidades contextuais.

#### APPRAISAL STUDIES IN BRAZIL: AN OVERVIEW 2005-2017

##### ABSTRACT

This article presents an overview of studies in Brazil using the appraisal system (MARTIN; WHITE, 2005). Studies from dissertations and theses and articles in Qualis A1, A2, B1 and B2 journals were analyzed. After theoretical considerations about the system and its subsystems, we present the quantification of the items with the aim of contributing to an overview of the studies about the appraisal system in our context, besides socializing researches on the subject with Systemic-Functional Linguistics research. The results reveal the productivity in studies on the subject in the field of linguistic studies in Brazil.

KEYWORDS: Appraisal, Systemic-Functional Linguistics, discourse systems.

#### ESTUDIOS EN VALORACIÓN EN BRASIL: UN PANORAMA 2005-2017

##### RESUMEN

Este artículo presenta un panorama de estudios en Brasil sobre el sistema de valoración (MARTIN, WHITE, 2005). Trabajos realizados en tesis y artículos en revistas Qualis A1, A2, B1 y B2. Después de las consideraciones teóricas sobre el sistema y sus subsistemas, los resultados cuantitativos de los elementos levantados son presentados con la intención de contribuir para una visión general de los estudios sobre el sistema de valoración en nuestro contexto, además de socializar las investigaciones sobre el tema con los estudiosos de la Lingüística Sistemico-Funcional. Los resultados revelan una productividad en los estudios sobre el tema en el campo de los estudios lingüísticos en Brasil.

## NOTA

1. As traduções dos originais em inglês são de nossa autoria e responsabilidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira. *A avaliação na linguagem*. Os elementos de atitude no discurso do professor: um exercício em Análise do Discurso Sistêmico-Funcional. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra. *Os recursos léxico-gramaticais de Atitude no discurso de dois professores universitários*. 2008. 376 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

ALMUTAIRI, Bandar Alhumaidi A. *Visualizing evaluative language in relation to constructing identity in English editorials and Op-Eds*. 2015. 593f. Tese (Doutorado) – Department of Linguistics, School of Letters, Art and Media, University of Sydney, 2015.

BARTLETT, Tom; O'GRADY, Gerald. *The Routledge handbook of systemic functional linguistics*. Oxon e New York: Routledge, 2017.

CABRAL, Sara Regina Scotta. *A mídia e o presidente: um julgamento com base na teoria da valoração*. 2007. 249f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

EGGINS, Suzanne; SLADE, Diane. *Analysing casual conversation*. London: Cassell, 1997.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. Towards a language-based theory of learning. *Linguistics and Education*, v. 5, p. 93-116, 1993.

HOOD, Susan. *Appraising research: taking a stance in academic writing*. 2004. 320f. Tese (Doutorado) – University of Technology, Sidney, 2004.

HOOD, Susan. Appraisal. In: THOMPSON, Geoff et al. *The Cambridge Handbook of Systemic Functional Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, no prelo.

HUNSTON, Susan; THOMPSON, Geoff. *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MARTIN, James Robert. Analysing genre: functional parameters. In: CHRISTIE, Frances; MARTIN, James Robert (Org.). *Genre and institutions: social processes in the workplace and school*. Londres e Washington: Cassel, 1997.

MARTIN, James Robert. Attitudinal relations: continuing the study of lexis. In: BARBARA, L.; RODRIGUES-JR, A. S.; HOY, G. M. V. *Estudos e pesquisa em linguística sistêmico-funcional*. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

MARTIN, James Robert. Beyond exchange: appraisal systems in English. In: HUNSTON, Susan.; THOMPSON, Geoff. *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MARTIN, James Robert. Blessed are the peacemakers: reconciliation and evaluation. In: CANDLIN, Christopher (Ed.). *Research and practice in professional discourse*. Hong Kong: City University of Hong Kong Press, 2002. p. 187-227.

MARTIN, James Robert. Discourse studies. In: HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; WEBSTER, Jonathan James. *Continuum companion to Systemic Functional Linguistics*. New York: Continuum, 2009b. p. 154-165.

MARTIN, James Robert. Introduction. *Text and Talk*, v. 23, n. 2, p. 171-181, 2003a.

MARTIN, James Robert. Instantiating Appraisal: key and stance. Paper at Systemic, 2002 *Functional Linguistics Association Conference*, Adelaide, 2003b.

MARTIN, James R. Looking out: functional linguistics and genre. *Linguistics and the human sciences*, v. 9, n. 3, p. 307-321, 2014.

MARTIN, James R. Modelling context: a crooked path of progress in contextual linguistics. In: \_\_\_\_\_. *Genre studies*. Volume 3 in the Collected Works of J. R. Martin. Edited by Wang Zhenhua. Shanghai: Shanghai Jiao Tong University Press, 2012. p. 222-247.

MARTIN, James R. Realisation, instantiation and individuation: some thoughts on identity in youth justice conferencing. *Revista DELTA*, n. 25, v. Especial, p. 549-583, 2009a.

MARTIN, James R. Semantic variation: modelling realization, instantiation and individuation in social semiosis. In: BEDNAREK, Monika.; MARTIN, James Robert. *New discourse on language: functional perspectives on multimodality, identity and affiliation*. London: New York: Continuum, 2010.

- MARTIN, James R. Sense and sensibility: texturing evaluation. In: FOLEY, Joseph (Ed.). *Language Education and Discourse*. London: Continuum, 2004.
- MARTIN, James Robert; WHITE, Peter. *The language of evaluation: Appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- MARTIN, James Robert; ROSE, David. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London and Oakville: Continuum, [2003] 2007.
- O'DONNELL, Mike. *UAM Corpus Tool*, versão 3.3f. 2016. Disponível em: <<http://www.corpustool.com/index.html>>. Acesso em: 10 dez. 2015.
- OTEÍZA, Teresa. The appraisal framework and discourse analysis. In: BARTLETT, Tom.; O'GRADY, Gerard. *The Routledge handbook of systemic functional linguistics*. Oxon e New York: Routledge, 2017. p. 457-472.
- PAINTER, Claire. Developing attitude: an ontogenetic perspective on appraisal. In: MACKEN-HORARIK, Mary; MARTIN, James Robert. Negotiating heteroglossia: social perspectives on evaluation. *Text*, v. 23, n. 2, p. 183-209, 2003.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.
- SCOTT, Mike. *WordSmith Tools version 6*. Stroud: Lexical Analysis Software, 2010.
- SOUZA, Anderson Alves. Gradação: força e foco. In: VIAN JR, Orlando; SOUZA, Anderson; ALMEIDA, Fabiola Aparecida Sartin Dutra Parreira. *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- SOUZA, Ladjane Maria Farias. A tradução de termos de recentes desenvolvimentos da linguística sistêmico-funcional para o português brasileiro. *Tradução & Comunicação – Revista Brasileira de Tradutores*, n. 22, p. 73-90, 2011.
- THOMPSON, Geoff; ALBA-JUEZ, Laura. *Evaluation in context*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 2014.
- VIAN JR, Orlando. Appraisal System in Brazilian Portuguese: resources for graduation. In: NØRGAARD, Nina (Ed.). *Systemic Functional Linguistics in Use. Odense Working Papers in Language and Communication*, v. 29, p. 807-824, 2008.
- VIAN JR, Orlando. Avaliatividade, engajamento e valoração. *Revista DELTA*, v. 28, n. 1, p. 105-128, 2012.

VIAN JR, Orlando. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em língua portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. *Revista DELTA*, v. 25, n. 1. p. 99-129, 2009.

VIAN JR., Orlando; VASCONCELOS, James A. Da relação transitividade/ avaliatividade: os processos mentais e os mecanismos de apreciação. In: BARBARA, Leila; RODRIGUES-JR, Adail Sebastião; HOY, Giovanna Marcella Verdessi. *Estudos e pesquisas em linguística sistêmico-funcional*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017.

VIAN JR., Orlando; SOUZA, Anderson Alves; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra. *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

WEI, Yakun; WHERRITY, Michael; ZHANG, Yi. An analysis of current research on the Appraisal Theory. *Linguistics and Literature Studies*, v. 3, n. 5, p. 235-239, 2015. Disponível em: <<http://www.hrpub.org/download/20150831/LLS6-19304341.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2017.

WHITE, Peter. Robert Rupert. Valoração – A Linguagem da Avaliação e da Perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, n. Especial, p. 177-205, 2004a.

WHITE, Peter. Robert Rupert. The Language of Attitude, Arguability and Interpersonal positioning. The Appraisal. 2004b. Website: Homepage. Disponível em: <<http://www.grammatics.com/appraisal/>>. Acesso em: 30 out. 2017.

ZANATA, Silvia Cristina. *O profissional de alimentos e bebidas (garçons): um estudo com base no sistema de avaliatividade*. 2007. 87f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2007.

---

Submetido em 26 de setembro de 2017.

Aceito em 30 de outubro de 2017.

Publicado em 23 de abril de 2018.

---